

6 NOV 1980

Desnecessário fiasco

*Assembléa
Constituinte*

FOLHA DE SÃO PAULO

Em linguagem cinematográfica, o melancólico fracasso do manifesto interpartidário pela convocação de uma Assembléa Nacional Constituinte poderia ser anticlímax. Dado que as oposições entraram, por conta própria, nessa desnecessária fria, o português corrente preferiria usar a palavra burrice. A desastrosa iniciativa, como era previsto, foi mais um ato de alienação, entre tantos.

A necessidade de uma Assembléa Nacional Constituinte dispensa exposições demoradas. Após anos seguidos de autoritarismo obscurantista, declarado ou em disfarce, a convocação popular para a legitimação e organização de um poder democrático já alcançou o consenso da maior parte das correntes de opinião. O ponto de resistência está nos interesses do grupo dominante. A margem de uma clara manifestação nacional, nenhum poder é legítimo e muito mais o que aí se aboletou, pela força das armas e de pressões econômicas. Qualquer que venha a ser o futuro deste País, nenhuma institucionalização terá chances de sobreviver, sem uma nova lei básica, livremente votada, que substitua a grosseira ordem do dia em vigor.

A Constituinte é, assim, um elemento básico de aglutinação nacional, capaz de fazer convergir para ela forças das mais variadas tendências. No entanto, o traço distintivo mais importante entre a atividade política prática e os conceitos teóricos está no senso de oportunidade das proposições, de que resulta a eficácia. Falamos do domínio da arte que é um exercício da ação.

Justa, e talvez exequível no período imediatamente anterior a 1978, a proposta Constituinte, por uma série de circunstâncias e de erros de

Rio de Janeiro

condução da campanha, não pôde vencer a resistência do reacionarismo representado por Geisel. A partir do pacote de abril de 1977, e sobretudo após a estabilização da candidatura Figueiredo, ela passou de palavra de ordem de execução a palavra de ordem de propaganda. Elegeu-se um Congresso, nomearam-se bilhões, empossou-se mais um general-presidente. O sistema renovou, portanto, a aparelhagem de mando e, sem mudanças políticas substanciais, não admite ceder: por sua vez, deputados e senadores oposicionistas recusariam abrir mão dos mandatos, enquanto os eleitores, desmotivados, recusam essa prioridade em relação aos problemas mais diretos que lhes perturbam as vidas.

Salvo uma crise aguda de poder (não descartável, aliás), a viabilidade mais próxima de convocar uma Assembléa Nacional Constituinte estará em 1982, aproveitando-se o pleito geral. Hoje, o tema continua fundamental, mas com limites temporais óbvios. Os redatores do malogrado manifesto agravaram as dificuldades, ao introduzirem no texto conceitos que podem eventualmente ser justos, mas que, não tendo a aprovação unânime dos possíveis signatários, impediram a assinatura. Juntou-se à inoportunidade a estreteza.

O amadorismo conseguiu fazer de um ponto unitário assunto de discordância: Tanto talento, assim é demais.

N. R.